

APROXIMARMO-NOS

DO NOSSO EU MAIS ÍNTIMO

O Primeiro Movimento: da Solidão ao Recolhimento

CAPÍTULO I

UMA SOLIDÃO SUFOCANTE

Introdução

Numa sociedade que dá imenso valor ao progresso e ao sucesso, a vida espiritual fica facilmente sujeita a conceitos eficientistas deste tipo: «Até onde é que eu cheguei?», «Já terei amadurecido desde que iniciei esta caminhada espiritual?», «Em que nível me encontro e como posso passar para o seguinte?», «Quando atingirei o momento da união com Deus e experimentarei a iluminação e o esclarecimento?» Embora cada uma dessas questões tem o seu significado, no entanto, podem tornar-se perigosas no contexto da nossa sociedade orientada para o sucesso. Muitos dos grandes santos descreveram as suas experiências de oração, outros autores menos conhecidos sistematizaram-nas em fazes, níveis ou períodos diferentes. Estas distinções podem ajudar os que escrevem livros e aqueles que os utilizam para ensinar, mas é melhor deixarmos para trás as medidas quando falamos da vida do Espírito. Uma reflexão pessoal pode ilustrar o que acabo de dizer:

Quando eu, que já sou adulto há muito tempo, pergunto a mim mesmo «Onde me encontro como cristão? Existem motivos para pessimismo como para optimismo. Muitos dos conflitos que tinha há vinte anos ainda permanecem bem vivos. Continuo à procura de paz interior, de relações criativas e da experiência de Deus, e nem eu nem mais ninguém tem maneira de saber se as pequenas alterações psicológicas que sofri no decorrer dos últimos anos me tornaram num homem mais ou menos espiritual.

Podemos, contudo, afirmar uma coisa: no meio das nossas preocupações e ansiedades, muitas vezes perturbadoras, ao longo dos anos, podemos tornar-nos mais conscientes dos diferentes polos entre os quais oscilam as nossas vidas e se mantêm em estado de tensão. Esses polos representam o contexto dentro do qual podemos falar da nossa vida espiritual, pois podem ser reconhecidos por qualquer pessoa que lute por viver uma vida no espírito de Jesus Cristo.

A primeira polaridade diz respeito à nossa relação conosco próprios, a polaridade entre a solidão e o recolhimento. A segunda polaridade forma a base da nossa relação com os outros. Trata-se da polaridade entre a hostilidade e a hospitalidade. A terceira e mais importante polaridade estrutura a nossa relação com Deus. Trata-se da polaridade entre a ilusão e a oração. Durante a vida, tornamo-nos progressivamente mais cientes, não apenas da nossa gritante solidão, mas também, do nosso desejo real de um verdadeiro recolhimento do coração; chegamos à conclusão dolorosa não só das nossas cruéis hostilidades, mas também, da nossa esperança de nos tornarmos capazes de receber os homens nossos irmãos com uma hospitalidade incondicional; e sob tudo isto descobrimos, não apenas, a ilusão interminável que nos faz agir como se fossemos senhores do nosso destino, mas também, o precário dom da oração que está escondido nas profundezas do nosso eu. Nestas condições, a vida espiritual consiste nesse movimento constante entre os polos da solidão e do recolhimento, da hostilidade e da hospitalidade, da ilusão e da oração. Quanto mais somos capazes de confessar a nossa dolorosa solidão, as nossas hostilidades e ilusões, tanto mais seremos capazes de ver o recolhimento, a hospitalidade e a oração como partes centrais da nossa vida. Embora, com o passar dos anos, nos sintamos cada vez mais sós, mais hostis e mais cheios de ilusões, também estamos mais conscientes do que antes que todo este sofrimento aprofundou e alimentou o nosso anseio de uma existência recolhida, acolhedora e orante.

E assim, escrever sobre a vida espiritual é como fazer uma foto a partir do negativo. Talvez seja exatamente a experiência da solidão que nos permite descrever as primeiras tentativas de recolhimento. Talvez seja precisamente o confronto chocante com a nossa hostilidade que nos suscita a necessidade do acolhimento como

uma opção real e possível. E talvez, nunca iríamos falar da oração como uma vocação humana, sem ter feito a descoberta perturbadora das nossas próprias ilusões. E muitas vezes a floresta virgem que nos permite falar do campo aberto. São muitas vezes as prisões que nos fazem pensar na liberdade, a fome que nos ajuda a apreciar a comida, e a guerra que nos fornece as palavras para falarmos da paz. A nossa visão do futuro, não raro, nasce do presente e a nossa esperança do nosso próprio desespero. Raramente temos «êxitos» que nos fazem sentir felizes, mas muitas vezes a admissão clara e sincera das ambiguidades, das incertezas e das condições dolorosas da vida, nos abrem um novo horizonte de esperança. O paradoxo da vida espiritual consiste no facto de que a vida nova nasce das dores da vida velha.

A vida de Jesus mostrou-nos claramente que a vida espiritual não permite atalhos. Se ignoramos a solidão, as hostilidades ou as ilusões, como se não existissem, nunca chegaremos ao recolhimento, à hospitalidade e à oração. Nunca teremos a certeza de que estamos a viver a vida nova se não a descortinamos no meio da vida velha. Talvez morreremos presos da nossa solidão e das nossas hostilidades e levaremos para o túmulo as nossas ilusões. Assim parece acontecer a muitos. Mas quando Jesus nos pede de tomarmos a nossa cruz e o seguirmos (cf. Mr 8, 34), convida-nos a ir para muito além da nossa condição humana limitada e pecadora, para dar forma a uma existência, na qual estão incluídas as grandes coisas que estão preparadas para nós.

Estou, de fato, convicto de que viver uma vida espiritual é, antes de mais, reconhecer as polaridades internas entre as quais se mantém em tensão a nossa vida interior. Este livro divide-se em três partes, cada uma delas apresentando um movimento da vida espiritual. O primeiro movimento, da solidão ao recolhimento, fala da experiência do relacionamento com nós próprios. O segundo movimento, da hostilidade à hospitalidade, fala do relacionamento para com os outros. O terceiro e último movimento, da ilusão à oração, fala da mais preciosa e misteriosa relação para com a fonte de toda a vida espiritual, a nossa relação com Deus.

Parece-me escusado realçar que estes três movimentos não estão nitidamente separados. Alguns temas surgem periodicamente nos diversos movimentos, em tonalidades distintas, e fluem muitas vezes de um para outro como os diversos movimentos de uma

sinfonia. Mas tenho esperança de que as diferenças nos ajudem a reconhecer melhor os diferentes elementos da vida espiritual e nos encorajem. por conseguinte, a aproximarmo-nos do nosso eu mais íntimo, dos homens nossos irmãos e do nosso Deus.

Entre a competição e colaboração fraterna

Não é nada fácil fazer a experiência da solidão. Preferimos escapar dela. Contudo, é uma experiência que perpassa a vida de todos. Talvez a experimentamos em crianças, quando os nossos companheiros se riram de nós porque tínhamos os olhos tortos, ou como adolescentes, quando ficamos no último lugar na escolha dos candidatos a formar a equipa de basebol. Talvez a experimentamos quando estávamos cheios de saudades da nossa família, estando internados no colégio, ou oprimidos por regras insensatas que não podíamos modificar. Talvez a experimentemos no início da idade adulta, numa universidade em que todos falavam de graus académicos, mas onde era difícil encontrarmos um bom amigo, ou estando num grupo de ação onde ninguém dava a mínima atenção às nossas sugestões. Talvez, a experimentamos, como professores, quando os alunos ficavam indiferentes às nossas lições cuidadosamente preparadas, ou como pregadores, quando as pessoas dormitavam durante as homílias bem-intencionadas. E talvez continuemos a senti-la durante reuniões de pessoal, conferências, sessões de aconselhamento, durante as longas horas de trabalho, ou enquanto executamos um trabalho manual monótono, ou apenas quando nos encontramos sozinhos diante de um livro que não atrai a nossa atenção. Quase todos os seres humanos possuem recordações semelhantes ou outras, ainda mais dramáticas, durante as quais experimentaram aquele sofrimento interior tão estranho, aquela fome mental, aquela inquietação perturbadora que os leva a dizer: «Sinto-me tão só!»

A solidão é uma das experiências humanas mais universais, mas a nossa sociedade ocidental contemporânea elevou a percepção da nossa solidão a um grau invulgar. Durante uma visita recente à cidade de Nova Iorque, escrevi para mim próprio a seguinte nota:

Sentado no metropolitano estou rodeado de pessoas silenciosas, escondidas por trás de jornais ou navegando nas suas próprias fantasias. Ninguém dirige a palavra a um

estranho. O polícia de serviço lembra-lhe constantemente que elas não estão lá para se ajudarem umas às outras. Mas, quando os meus olhos vagueiam pelas paredes do comboio, cobertas de convites a comprar mais ou novos produtos, vejo pessoas jovens, bonitas, que gostam de estar umas com as outras num abraço carinhoso, homens e mulheres divertidos que sorriem uns aos outros em velozes barcos de recreio, exploradores orgulhosos a cavalo, que se encorajam mutuamente a correr riscos destemidos, crianças audaciosas dançando numa praia soalheira e raparigas encantadoras, prontas a servir-me, em aviões ou barcos de cruzeiro. Enquanto o metropolitano passa de um túnel escuro para outro, eu tenho constantemente presente o sítio onde guardei o dinheiro. As palavras e as imagens que decoram o meu mundo assustador falam de amor, de gentileza, de ternura e de convivência alegre e espontânea.

A sociedade contemporânea em que nos encontramos faz-nos sentir a solidão de forma pungente. Cada vez temos mais consciência de que vivemos num mundo onde até as relações mais íntimas se tornaram parte da competição e da rivalidade.

A pornografia parece ser um dos resultados lógicos: é uma intimidade à venda. Nas inúmeras «lojas pornô», centenas de homens, novos e velhos, sós, cheios de medo que alguém os reconheça, contemplam, silenciosos, retratos de raparigas nuas, enquanto os seus pensamentos voam para quartos íntimos e de portas fechadas, onde alguma mulher estranha irá dissipar a sua solidão. Entretanto, as ruas gritam sobre a luta cruel pela sobrevivência e, nem os recantos pornográficos o conseguem silenciar, enquanto o dono da loja continua a lembrar aos clientes que devem comprar em vez de «ficarem só a olhar».

A solidão é uma das fontes mais universais de sofrimento humano. Os psiquiatras e os psicólogos clínicos reconhecem na solidão a queixa mais frequente que produz não só um número crescente de suicídios, mas também alcoolismo, toxicodependência, diversas patologias psicossomáticas - tais como dores de cabeça, de estômago e lombares - e de inúmeros acidentes de viação. Crianças, adolescentes, adultos e idosos são cada vez mais expostos à doença contagiosa da solidão, neste mundo individualista e competitivo que pretende reconciliar-se com uma

cultura que fala de união de concórdia e de comunidade, como ideais pelos quais vale a pena lutar.

Porque será que tantas festas e reuniões de amigos nos deixam com uma enorme sensação de vazio? Talvez mesmo nesses locais a competição enraizada, e muitas vezes inconsciente, entre pessoas nos impeça de nos revelarmos uns aos outros e de estabelecermos relações mais duradouras do que a própria festa. Onde somos sempre bem recebidos, a nossa ausência não tem assim tanta importância, e quando todas as pessoas são bem-vindas, a ausência de alguém não será particularmente notada. Geralmente há comida abundante e numerosas pessoas desejosas de comer, mas, muitas vezes, parece que os alimentos perderam a capacidade de criar comunidade e não raro os convidados abandonam a festa mais conscientes da sua solidão do que quando lá chegaram.

A linguagem que empregamos sugere de tudo, menos a solidão: «Faça o favor de entrar, é tão bom voltar a vê-lo... Deixe-me apresentá-lo a este meu amigo tão especial, que vai adorar conhecê-lo... Tenho ouvido falar tanto de si que nem consigo exprimir quão feliz me sinto por conhecê-lo pessoalmente... Acho as suas palavras muito interessantes, gostava que outros as pudessem escutar... Foi fantástico ter tido esta oportunidade de conversar consigo e de o encontrar... Espero sinceramente que voltemos a encontrar-nos. Quero que saiba que é sempre bem-vindo e não hesite em trazer algum amigo... Volte em breve.» E uma linguagem que revela o desejo de estar próximo dos outros e receptivo, mas na nossa sociedade esta atitude raramente consegue suavizar a dor da solidão, que se revela realmente quando mal podemos permitir a entrada seja de quem for.

As raízes da solidão são bem profundas e no podem ser tocadas por anúncios otimistas, por imagens de amor ou por convívio sociais que oferecem uma falsa intimidade. Tudo isto, alimenta a suspeita de que não há ninguém que realmente se preocupe conosco, ninguém que nos ofereça um amor incondicionalmente, e que não existe lugar onde nos possamos mostrar vulneráveis, tal como somos, sem sermos instrumentalizados. As pequenas rejeições diárias - um sorriso sarcástico, um comentário superficial, uma negação áspera ou um silêncio amargo - poderiam ser atitudes inocentes e indignas da nossa atenção, se não despertassem constantemente o nosso receio humano básico de estarmos

sozinhos, «totalmente abandonados nas trevas» (cf. Sl 88, 19b).

A fuga do vazio doloroso

A solidão humana é uma realidade difícil de encarar, por isso, fazemos de tudo para a evitar e, por vezes, recorremos aos expedientes mais engenhosos. A nossa cultura tornou-se muito sofisticada em aniquilar a dor, não apenas da dor física, mas também o sofrimento emocional e mental. Não só enterramos os nossos mortos como se ainda estivessem vivos, mas enterramos igualmente as nossas dores como se, de facto, não existissem. Habitúamo-nos, de tal modo, a este estado anestésico, que entramos em pânico quando não temos nada ou ninguém que nos distraia, quando não temos projetos a terminar, nenhum amigo a visitar, nenhum livro a ler, nenhum programa televisivo a ver ou nenhum disco a escutar. Quando ficamos sozinhos aproximamo-nos de tal modo da revelação da nossa solidão humana básica e, com tanto medo de experimentar o nosso isolamento, que fazemos de tudo para ter sempre alguma ocupação e, assim, continuarmos o jogo que nos faz crer que, afinal, está tudo bem.

Em 1973, a Educational Television Network passou uma série de imagens reais de uma família de Santa Bárbara, na Califórnia. Esta série, produzida com o nome de «*Uma família americana*», mostrava uma faceta honesta e cândida da vida cotidiana do casal Loud e dos seus cinco filhos. Embora as revelações desta família «normal», que incluíam o divórcio dos pais e a vida homossexual do filho mais velho, escandalizaram muitos telespectadores, mas a análise detalhada de qualquer outra família teria sido provavelmente tão chocante como esta. O filme, realizado com o inteiro conhecimento e autorização de todos os membros da família, não só desmascarava a ilusão de poder apresentar esta família como um exemplo para o povo americano, mas mostrava também com detalhes dolorosos a nossa tendência de evitar a qualquer preço a experiência do sofrimento. As questões dolorosas nem foram mencionadas e outras situações embaraçosas foram simplesmente negadas. Pat, a mulher e mãe desta família, exprimiu melhor esta atitude ao afirmar: «*Não gosto das coisas que não me fazem sentir à vontade*». Seja como for, as consequências desta supressão do sofrimento foram bem expressas pelo filho de dezoito anos quando ele afirmou: «*Vós estais a ver sete pessoas isoladas*

que tentam desesperadamente amar-se, sem nunca o conseguir»

Não é difícil aperceber-se de que a família Loud não constitui, de forma nenhuma, uma exceção e, sob muitos aspectos, representa uma família média de uma sociedade cada vez mais povoada por pessoas solitárias, que tentam desesperadamente amar-se sem nunca o conseguirem. Não será isto devido à nossa incapacidade de enfrentar a dor da nossa solidão? Fugindo da solidão, procurando de nos distrair com pessoas e experiências especiais não estamos a tratar realisticamente a nossa dignidade humana. Corremos o perigo de nos tornar pessoas infelizes, vítimas de inúmeros desejos insatisfeitos, e torturadas por vontades e expectativas que nunca poderão realizar-se. Não será verdade que toda a criatividade exige um certo encontro com a nossa solidão? E que o medo deste encontro limita gravemente a nossa possibilidade de auto expressão?

Quando preciso de escrever um artigo e me confronto com uma folha de papel branca e vazia, quase tenho de me atar à cadeira para me impedir de consultar ainda mais um livro antes de começar a escrever. Quando, no final de um dia atarefado, fico finalmente só e livre, tenho de lutar contra a necessidade de fazer mais um telefonema, mais uma deslocação à caixa do correio ou visitar alguns amigos que me irão entreter durante as últimas horas do dia. E quando reflito sobre o meu dia tão ocupado interrogo-me muitas vezes se a vida académica, tão preenchida com aulas, conferências, seminários, requerimentos que é preciso redigir e preencher, dissertações que é preciso elaborar e ler, exames que é necessário efetuar e aos quais é preciso comparecer, não se terá tornado, na realidade, numa enorme distração - uma vez por outra divertida - mas quase sempre impeditiva de me confrontar comigo mesmo, que deveria ser o meu primeiro objeto de estudo e pesquisa.

A existência superficial a que esta situação conduz é agudamente descrita por Henry David Thoreau quando escreve:

«Quando a nossa vida deixa de ser interior e perde a sua privacidade, a conversação degenera a mera tagarelice. Raramente encontramos uma pessoa que seja capaz de nos dar alguma notícia que não tenha lido num jornal ou sabido por um vizinho; e, a maioria das vezes, a principal diferença entre

nós e ele é que ele leu o tal jornal, ou foi lanchar fora, e nós em vez não. Na medida em que diminui a nossa vida interior, tanto mais constante e desesperadamente corremos à caixa do correio para ver se alguém se lembrou de nos enviar um postal. Podemos ter a certeza que, aquele pobre homem que se afasta com um monte de cartas maior do que os outros, vangloriando-se da sua vasta correspondência, não recebe notícias de si próprio há longo tempo».

A primeira tarefa de qualquer escola deveria ser proteger o seu privilégio de oferecer tempo livre - o vocábulo latino *scola* significa *tempo livre* – um tempo que nos permite compreender melhor a nós mesmos e o mundo que nos rodeia. É realmente difícil guardar algum tempo livre e, assim, impedir a educação de degenerar em mais uma forma de competição e rivalidade.

O problema, contudo, é que nós não só desejamos a nossa liberdade como também a receamos. É este medo que nos torna tão intolerantes em relação à nossa própria solidão e nos faz recorrer prematuramente a certas opções que nos parecem ser «as soluções definitivas».

O perigo da solução definitiva

Existe imenso sofrimento mental no nosso mundo. Mas uma parte significativa desse sofrimento ocorre pelas razões erradas, porque nasce da falsa expectativa de sermos chamados a afastar a solidão uns dos outros. Quando a nossa solidão nos afasta de nós mesmos e nos atira para os braços dos nossos companheiros de caminhada, estamos, na realidade, a lançar-nos em relações dilacerantes, em amizades cansativas e abraços sufocantes. Esperar que cheguem momentos ou locais onde não exista qualquer dor, qualquer separação, e onde toda a inquietação humana se tenha tornado em paz interior, é esperar um mundo irreal. Nenhum amigo ou amante, nenhum marido ou mulher, nenhuma comunidade, serão capazes de serenar as nossas mais profundas ânsias de unidade e totalidade. E, oprimindo os outros com estas expectativas *divinas*, das quais apenas nos apercebemos em parte, podemos inibir a expressão de uma amizade e de um amor livres, e evocar, pelo contrário, sentimentos de insuficiência e fraqueza. A amizade e o amor não se podem desenvolver-se sob a forma de uma recíproca ligação

ansiosa. Requerem espaço livres de expectativas ansiosas, onde uns e outros se possam movimentar por uma ou outra direção. Enquanto será a nossa solidão a unir-nos, na esperança de que juntos deixaremos de nos sentirmos sós, castigar-nos-emos um ao outro com os nossos desejos irrealistas de e insatisfeitos de unidade, de tranquilidade interior e de uma experiência de comunhão ininterrupta.

É triste ver como, por vezes, as pessoas que sofrem de isolamento, muitas vezes, acudindo a falta de afeto do círculo familiar, brota uma solução definitiva para o seu sofrimento num um novo amigo, um novo amante ou uma nova comunidade, com expectativas messiânicas. Embora mentalmente saibam que se trata de uma ilusão, os seus corações continuam a sussurrar: «Talvez desta vez eu tenha encontrado aquilo que, consciente ou inconscientemente, procurava». À primeira vista parece, de facto, espantoso que homens e mulheres depois de terem experimentado relações tão angustiantes com os pais, irmãos ou irmãs, se atirem de cabeça e às cegas em certas relações, na esperança de que daqui em diante as coisas irão ser completamente diferentes.

Mas podemos interrogar-nos se os inúmeros conflitos e discussões, as inúmeras acusações e recriminações, os inúmeros momentos de raiva expressa ou reprimida e de invejas confessadas ou inconfessadas, que fazem tantas vezes parte destas relações apressadas, não se enraízam na falsa pretensão de que um ser humano tenha a obrigação de afastar a solidão do outro. De facto, parece que o desejo de «soluções definitivas» se baseia na violência destrutiva que penetra na intimidade dos encontros humanos. Trata-se em grande parte, de uma violência de pensamentos, violando a mente com suspeitas, intrigas interiores ou fantasias vingativas. As vezes trata-se de uma violência de palavras que perturba a paz com recriminações e queixas e que, alguma vez, pode desabar em agressões violentas e prejudiciais. A violência nas relações humanas assume formas tão destrutivas porque não magoa apenas o outro, mas envolve a sua própria pessoa num ciclo vicioso de exigir cada vez mais quando recebe cada vez menos.

Num tempo em que se enfatiza a sensibilidade interpessoal, em que somos encorajados a explorar as nossas capacidades comunicativas e a fazer experiência de variadas formas de relacionamentos, que incluem contato físico, mental e emocional, somos por vezes

tentados a acreditar que os nossos sentimentos de isolamento e de tristeza sejam meros sinais de falta de abertura mútua. Por vezes isto é verdade, e muitos centros dão contributos inestimáveis ao alargamento do leque de interações humanas. Mas uma verdadeira abertura de uns para com os outros significa também uma verdadeira proximidade, porque só aquele que consegue guardar um segredo pode partilhar o seu conhecimento em segurança. Se não protegermos com o maior cuidado o nosso mistério interior, nunca seremos capazes de formar comunidade. É este mistério interior que nos atrai mutuamente e nos permite estabelecer amizade e desenvolver relações humanas duradouras. Uma relação de intimidade entre pessoas não só exige uma abertura recíproca, mas também uma proteção respeitosa e mútua pela singularidade de cada um.

Juntos, mas não ainda próximos

Existe uma forma falsa de honestidade que sugere que nada deve ficar escondido e tudo deve ser dito, expresso e comunicado. Esta honestidade pode resultar muito pernicioso, e mesmo quando não é danosa, produz, pelos menos, relações insípidas, superficiais, vazias e, muitas vezes, aborrecidas. Quando tentamos sacudir a nossa solidão, sem nenhuma fronteira restritiva, podemos ficar enredados numa proximidade estagnante. É nossa vocação impedir a exposição nefasta do nosso santuário interior, não apenas para proteger a nós mesmos, mas também para oferecer um serviço aos nossos irmãos com os quais queremos estabelecer uma comunhão criativa. Tal como as palavras perdem o seu poder quando não nascem do silêncio, assim, a abertura perde o seu significado quando não há capacidade de estar fechados. O nosso mundo está cheio de tagarelice oca, de confissões fáceis, de conversas vazias, de cumprimentos insensatos, de elogios medíocres e de confidencialidades maçadoras. Não são poucas as revistas que alcançam grande sucesso ao sugerir que são capazes de nos fornecerem os pormenores mais secretos e íntimos da vida de pessoas das quais sempre desejamos saber mais. De facto, presenteiam-nos com as trivialidades mais aborrecidas e as idiossincrasias mais desdenhosas sobre pessoas cujas vidas já são suficientemente fúteis devido a um exibicionismo mórbido.

O modo de vida americano tem tendência a desconfiar da

proximidade.

Quando fui pela primeira vez a este país, fiquei espantado com a maneira como estas pessoas viviam sempre de porta aberta. Nas escolas, institutos e edifícios de escritórios, tecla a gente trabalhava de porta aberta. Podia ver as secretárias a datilografar nas suas máquinas de escrever; os professores a ensinar por trás das suas estantes, administradores a exercerem as suas funções sentadas à secretaria e leitores ocasionais a ler por trás dos seus livros. Parecia que todos me diziam «Não tenha medo de entrar e interromper-me sempre que precisar, e muitas conversas revestiam-se do mesmo estilo liberal, dando-me a impressão de que as pessoas não tinham segredos e estavam prontas a responder a qualquer pergunta relacionada quer com o seu estatuto financeiro quer com a sua vida sexual.

É evidente que esta foi a primeira impressão e que a segunda e a terceira revelaram rapidamente que há menos abertura do que a que é sugerida. No entanto, as portas fechadas não são populares e é necessário um esforço especial para estabelecer limites que protejam o mistério das nossas vidas. É verdade que num período da história em que nos tornámos tão conscientes da nossa alienação, sob as mais variadas formas, tornou-se difícil revelar a ilusão de que a solução definitiva para a nossa experiência de solidão se encontra na proximidade humana.

É fácil apercebermo-nos de quantos casamentos sofrem desta ilusão. Os casamentos iniciam-se muitas vezes na esperança de uma união que possa dissipar todos os sentimentos dolorosos de «não pertença», e continuam numa luta desesperada para atingir uma harmonia física e psicológica perfeita. Muita gente sente dificuldade em apreciar uma certa proximidade no casamento e não sabe como criar as fronteiras que permitem à intimidade tornar-se numa descoberta fascinante e sempre renovada um do outro. No entanto, o desejo de fronteiras protetoras, através das quais o homem e a mulher não têm que se colar um ao outro, mas podem movimentar-se à vontade dentro e fora do círculo de vida do outro, torna-se claro nas inúmeras vezes em que as palavras de Kahlil Gibran são citadas nas cerimónias matrimoniais:

Cantai e dançai juntos e alegrai-vos,

*mas que cada um de vós seja um,
como as cordas de uma lira que, embora isoladas,
vibram ao som de uma mesma melodia.
E mantende-vos juntos,
mas não demasiado perto um do outro:
pois os pilares de um bom templo elevam-se à distância,
e o carvalho e o cipreste não crescem
à sombra um do outro.*

O deserto transforma-se em jardim

Mas então, como podemos suportar «a solidão» intrínseca a nossa própria natureza, quando muitas vezes a nossa consciência é assaltada com a sensação desesperada de isolamento? O que significa dizer que nem a amizade nem o amor, nem o matrimónio, nem a comunidade podem afastar-nos da nossa solidão? Por vezes, as ilusões nos proporcionam uma vida melhor do que a vida real, e porque, então, suprimir o desejo de gritar que estamos sós, e procurar alguém que possamos abraçar e em cujos braços o nosso corpo e a nossa mente tensos possam encontrar um momento de descanso profundo e gozar da experiência momentânea de ser compreendido e aceite?

Estas são questões difíceis que brotam dos nossos corações feridos, questões que devemos escutar com atenção mesmo quando nos conduzem para um caminho difícil. É este o caminho da conversão da solidão ao recolhimento. Em vez de fugirmos da nossa solidão e de tentarmos esquecê-la ou negá-la, temos que protegê-la e transformá-la numa fecunda solidão. Para viver uma vida espiritual precisamos de descobrir a coragem para entrar no deserto da nossa solidão e transformá-la num jardim de recolhimento, através de esforços carinhosos e persistentes. Isto exige não apenas coragem, mas também uma fé forte. Tal como é difícil acreditar que o deserto seco e desolado se possa transformar num jardim fecundo, cheio de incontáveis variedades de flores e de frutos, assim, é igualmente difícil imaginar que a nossa solidão esconde uma beleza desconhecida.

O movimento da solidão para o recolhimento é, contudo, o início

de qualquer vida espiritual, porque é o movimento dos sentidos inquietos para o espírito sereno, dos desejos de exteriorização para a busca interior, de uma relação maçadora e amedrontada para o gozo destemido.

Há pouco tempo, um estudante que refletia na sua própria experiência, escreveu:

Quando a solidão me assombra com a possibilidade de se tratar de um início e não de um beco sem saída, de uma nova criação em lugar de um bico cego, de um lugar de encontro em vez de um abismo, então o tempo perde a sua garra desesperada sobre mim. Então já não preciso mais de viver numa atividade frenética, esmagado e temeroso de ter perdido alguma oportunidade.

É difícil acreditar na verdade destas palavras. Recorremos muitas vezes a homens e mulheres bons para lhes expor os nossos problemas, na secreta esperança de que eles partilhem o nosso fardo e nos libertem da nossa solidão. O alívio temporário que essas pessoas nos oferecem conduz com frequência a uma recorrência mais acentuada dos mesmos sofrimentos e voltamos a estar por nossa conta. Mas por vezes encontramos aquela pessoa excepcional que diz: *«Não fujas, mas mantém-te sossegado e silencioso. Escuta o teu confronto com muita atenção. A resposta à tua pergunta está escondida no teu próprio coração»*.

O verdadeiro guia espiritual é aquele que, em vez de nos dar conselhos sobre o que fazer ou a quem nos dirigirmos, nos oferece a possibilidade de ficarmos sós e correremos o risco de entrar na nossa própria experiência. É alguém que nos faz ver que aspergir com gotículas de água a nossa terra seca nos ajuda, mas que descobriremos um poço de vida se procurarmos bem fundo sob a superfície das nossas queixas.

Um amigo escreveu certa vez: *«Aprender a chorar, aprender a estar de vigília, aprender a esperar a madrugada. Talvez ser humano seja tudo isto»*. É difícil acreditar nestas palavras, já que nos encontramos constantemente agarrados a pessoas, livros, acontecimentos, experiências, projetos e planos, na esperança secreta de que, desta vez, irá ser diferente. Continuamos a experimentar diversos tipos de anestésicos, continuamos a descobrir «paralisadores psíquicos», muitas vezes mais agradáveis

do que se ascetizássemos as nossas sensibilidades interiores. Mesmos assim, podemos ao menos lembrar a nós mesmos as decepções que auto infligimos a nós próprios e confessar a nossa predileção mórbida por bicos sem saída.

Contudo, as poucas vezes em que obedecemos aos nossos severos mestres e escutamos com mais atenção os nossos corações inquietos, podemos começar a sentir que, no meio da nossa tristeza, existe alegria, que no meio dos nossos medos, existe paz, que no meio da nossa cobiça, existe a possibilidade de viver a compaixão e que, de facto, no meio da nossa desgostosa solidão podemos descobrir o início de um recolhimento sereno.

CAPÍTULO II

UM RECOLHIMENTO RECEPTIVO

Recolhimento do coração

A palavra recolhimento pode enganar-nos, pois sugere que se deve estar sozinho num local isolado. Quando pensamos nos solitários, vem-nos facilmente à lembrança de monges ou eremitas que vivem isolados, em locais remotos, afastados do ruído frenético do mundo. De facto, as palavras solidão e solitário derivam do vocábulo latino «solus» que significa estar só, sem ninguém. Durante os séculos muitos homens e mulheres, desejosos de viver uma vida espiritual mais profunda, retiraram-se para locais remotos - desertos, montanhas ou densas florestas - para viverem uma vida de solidão.

Provavelmente é difícil, se não impossível, passar da solidão para o recolhimento sem qualquer forma de afastamento deste mundo repleto de distrações, e, por conseguinte, é compreensível que aqueles que procuram seriamente desenvolver a sua vida espiritual se sintam atraídos por locais e situações onde podem estar sozinhos, por vezes durante um período de tempo limitado, outras vezes de forma mais ou menos permanente. Mas o recolhimento que de facto conta é o recolhimento do coração; é uma qualidade ou atitude interior que não depende do isolamento físico.

Em determinadas alturas este isolamento é necessário para desenvolver o recolhimento do coração, mas seria triste considerarmos este aspecto essencial da vida espiritual como privilégio de monges e eremitas. Parece mais importante que nunca realçar que o recolhimento é uma das capacidades humanas que pode existir, ser mantida e desenvolvida, no centro de uma grande cidade, no meio de uma vasta multidão e no contexto de uma vida ativa e produtiva. Um homem ou uma mulher que tenha desenvolvido este recolhimento do coração deixa de se sentir dividido entre os estímulos divergentes do mundo que os rodeia, mas é capaz, de um centro interior sereno, observar e entender este mundo.

Vivendo com mais atenção, podemos aprender a diferença entre estar presente no isolamento e estar presente no recolhimento.

Estando sozinho num escritório, numa casa ou numa sala de espera vazia, poderás sentir dentro de ti uma solidão insatisfeita, mas também podes gozar de um recolhimento sereno.

Ensinando numa sala de aula, escutando uma palestra, vendo um filme ou conversando durante uma pausa do trabalho, poderás sentir-te invadido por um sentimento infeliz de solidão, mas também pelo contentamento profundo de alguém que fala, escuta e observa do centro tranquilo do seu recolhimento.

Não é difícil distinguir à nossa volta entre o inquieto e o tranquilo, entre o afadigado e o liberto, entre o solitário e o introspectivo. Quando se vive no sossego do coração, podemos escutar com atenção as palavras e os mundos dos outros, mas quando somos impelidos pela solidão, temos tendência de selecionar apenas os comentários e os acontecimentos que produzem satisfação imediata das nossas necessidades insatisfeitas.

O nosso mundo, contudo, não está dividido entre pessoas isoladas e tranquilas. Todos flutuamos constantemente entre estes dois polos e variamos de hora para hora, de dia para dia, de semana para semana, de ano para ano. Devemos confessar que temos uma influência muito limitada sobre estas flutuações. Existem demasiados fatores, conhecidos e desconhecidos, que desempenham papéis importantes no equilíbrio da nossa vida interior. Mas quando somos capazes de reconhecer os polos entre os quais nos movemos, e, desenvolvemos uma sensibilidade para este campo interior de tensão, então, deixamos de nos sentires perdidos, e começamos a discernir em que sentido queremos conduzir a nossa vida interior.

O início da vida espiritual

O desenvolvimento desta sensibilidade interior é o início de uma vida espiritual. Parece que a ênfase na sensibilidade interpessoal nos fez, por vezes, esquecer de desenvolver a sensibilidade que nos permite escutar as nossas próprias vozes interiores.

As vezes questionamo-nos se o facto de tantas pessoas pedirem ajuda, opinião e conselho a outras tantas pessoas não se deverá, em grande parte, ao facto de as primeiras terem perdido contato com o seu eu mais íntimo.

Perguntam: devo ir para a universidade ou procurar trabalho, devo ir ao médico ou ao advogado, devo casar ou ficar solteiro, devo abandonar o meu emprego ou ficar onde estou, devo fazer o serviço militar ou recusar-me a ir para a guerra, devo obedecer ao meu superior ou seguir a minha inclinação, devo viver uma vida de pobre ou ganhar mais dinheiro para custear as despesas de educação dos meus filhos? Não existem no mundo conselheiros suficientes para responder a todas estas questões, e por vezes parece-me que anda metade do mundo a pedir conselho à outra metade, enquanto ambas as partes permanecem na mesma ignorância.

Por outro lado, quando a nossa insegurança não nos leva a recorrer aos outros para pedir auxílio, quantas vezes nos conduz contra os outros em autodefesa? Por vezes parece que as intrigas, as condenações do comportamento dos outros, e os ataques sem reservas contra as suas escolhas de vida, são mais um sinal das nossas próprias dúvidas do que das nossas convicções solidamente enraizadas.

Talvez o melhor conselho para todos os que andam à procura seja o que Rainer Maria Rilke deu a um jovem que lhe perguntou se deveria tornar-se poeta. Rilke respondeu-lhe:

Teu está a perguntas-me se os teus versos são bons. Perguntas-me a mim. Já perguntaste a outros. Tê-lo-ás enviados para revistas, comparados com outros poemas e ficas perturbado quando alguns editores rejeitam os teus esforços. Agora, peço-te de acabar com isso. O teu olhar está todo dirigido para fora, e isso precisamente o que, neste momento, não deves fazer. Ninguém te pode aconselhar ou ajudar, ninguém. Há apenas um caminho. Penetra em ti mesmo. Procura o motivo que te empele a escrever; descobre se este motivo expande as suas raízes nos recônditos do teu coração; respondes a ti mesmo se estarias disposto a morrer se te fosse proibido escrever. Mas, acima de tudo, pergunta a ti mesmo - na hora mais silenciosa da noite «Devo eu escrever?» Mergulha em ti mesmo na busca de uma resposta profunda. E se esta resposta for afirmativa, se fores capaz de responder seriamente a esta pergunta com um simples «Sim», então constrói a tua vida segundo esta necessidade; a tua vida, mesmo nos momentos mais indiferentes e triviais, deve ser um sinal desta motivação e testemunha desta necessidade.

Viver a pergunta

Ao transformarmos a nossa solidão num recolhimento profundo, criamos esse espaço precioso onde temos a possibilidade de descobrir a voz que nos fala da nossa necessidade interior - ou seja, a nossa vocação. A não ser que as nossas questões, problemas e preocupações sejam postas à prova e amadurecidas em tranquilidade, não é realista esperar respostas que sejam verdadeiramente nossas. Quantas pessoas podem reivindicar, como realmente suas, ideias, opiniões e pontos de vista? Por vezes, as conversas intelectuais resumem-se à capacidade de citar a autoridade certa na altura certa. Mesmo os conceitos mais íntimos, tais como os que se referem ao significado e valor da vida e da morte, podem tornar-se vítimas da corrente em moda. É frequente andarmos num frenesim à procura de respostas, batendo a uma e outra porta, correndo de livro para livro, ou de escola para escola, sem termos escutado, com genuína e profunda atenção, as perguntas. Rilke diz ao jovem poeta:

Quero pedir-te, com todas as minhas forças, que sejas paciente com tudo o que tens por resolver no teu coração e tentes amar as próprias perguntas... Não procures neste momento respostas que no te podem ser dadas porque não serias capaz de as viver. E o importante é viver tudo. Vive agora as perguntas. Talvez então, gradualmente, sem dares muito por isso, descubras um dia a resposta... aceita o que te acontecer com muita confiança, e se sentires que isso provém da tua própria vontade, de uma necessidade íntima do teu ser, aceita-o de boa vontade e no odeies nada.

Trata-se de uma tarefa muito difícil, porque no nosso mundo somos constantemente arrancados do nosso eu interior e encoraja a procurar repostas em lugar de darmos atenção às perguntas. Uma pessoa solitária não tem tempo nem tranquilidade interior para esperar e escutar. Deseja respostas e deseja-as de imediato. Mas em recolhimento podemos dar atenção ao nosso eu interior. Isto não tem nada a ver com egocentrismo ou com introspecção doentia, porque, segundo Rilke: «o que se passa no íntimo do teu ser é digno de todo o teu amor. No recolhimento podemos tornar-nos presentes para nós mesmos. Ali, podemos viver, tal como diz Anne Morrow Lindbergh «como uma criança ou um santo numa proximidade imediata». Aí, «cada dia, cada ato, é uma ilha, varrida

pelo tempo e pelo espaço, e possui a forma de uma ilha.

Aí também nos podemos tornar presentes para os outros ao aproximarmo-nos deles, nos sequiosos de atenção e afeto, mas oferecendo-nos a nós mesmos para ajudar a construir uma comunidade de amor. O recolhimento não nos afasta dos homens nossos irmãos, mas torna, pelo contrário, possível a verdadeira amizade. Poucas pessoas exprimiram melhor este pensamento do que o monge trapista Thomas Merton, que passou os últimos anos da sua vida como eremita, mas cujo recolhimento contemplativo o conduziu a um contato verdadeiramente íntimo com os outros. A 12 de Janeiro de 1950, ele apontou no seu diário:

Neste recolhimento profundo eu descobro a doçura com que posso amar verdadeiramente os meus irmãos. Quanto mais recolhido eu fico tanto mais afeto tenho por eles. Trata-se de afeto puro, pleno de reverência pelo recolhimento dos outros.

À medida que a sua vida foi crescendo em maturidade espiritual, Merton começou a ver com profunda clareza que o recolhimento não o separava dos seus contemporâneos, mas, pelo contrário, o punha numa comunhão profunda com eles. Este discernimento foi extremamente poderoso para o próprio Merton, conforme atesta a passagem que ele escreveu após uma curta visita a Louisville, onde tinha observado as pessoas num centro comercial muito movimentado. Eis as suas palavras:

Embora nós os monges estamos «fora do mundo», estamos a viver no mesmo mundo que todos os outros, o mundo da bomba, o mundo do ódio racial, o mundo da tecnologia, o mundo dos meios de comunicação, dos grandes negócios, revoluções, e tudo o mais. É que nós adoptamos uma atitude diferente perante todas estas coisas, porque pertencemos a Deus. Mas todos pertencem a Deus. Trata-se, portanto, de uma diferencia illusória. Esta sensação de estar no mesmo mundo dos outros constituiu um alívio tão grande e trouxe-me tanta alegria que quase desatei a rir às gargalhadas. E suponho que a minha felicidade se poderia exprimir nestas palavras: «*Obrigado, meu Deus, obrigado meu Deus, por eu ser como qualquer outra pessoa, por ser apenas um homem entre os demais*» [...] É um destino glorioso ser um membro da raça humana, embora seja uma raça dedicada a muitas coisas absurdas e que comete erros terríveis: no entanto, apesar de

tudo, o próprio Deus a glorificou tornando-se num dos membros da raça humana! Pensar que uma percepção tão comum me assaltasse assim, de repente, como alguém quando descobre que tem nas mãos o bilhete vencedor de uma lotaria cósmica!

Tenho a imensa alegria de ser homem, membro de uma raça em que o próprio Deus encarnou. Como se os sofrimentos e as disparates da condição humana pudessem dominar-me, agora percebo o que todos somos. E, ao menos, que cada um pudesse dar-se conta disso! Mas não é possível explicá-lo. Não há maneira de dizer às pessoas que elas são como brilhantes cintilando ao sol.

Isto não altera o sentido e o valor do meu recolhimento, porque, de facto, a função do recolhimento é precisamente tornar-se consciente destas coisas com uma tal clareza, impossível de obter por certas pessoas completamente imersas nas preocupações, nas ilusões e nos automatismos de uma existência altamente coletiva. O meu recolhimento, contudo, não me pertence, porque agora apercebo-me até que ponto pertence também aos outros - e quanto eu sou responsável por ele e, não apenas, perante mim mesmo. É por me sentir um com eles que lhes devo o facto de estar só, e quando estou sozinho eles deixam de ser «os outros», para serem o meu próprio eu. Não *existem* estranhos!

A própria experiência ensinou a Merton que o recolhimento não aprofunda só o nosso afeto pelos outros, mas é também o local onde a comunidade real se torna possível. Embora Merton tenha vivido como monge, primeiro numa comunidade monástica e mais tarde num mosteiro, torna-se claro nesta e noutras obras suas que o que realmente conta para ele não é o recolhimento físico, mas o recolhimento do coração.

Sem o recolhimento do coração, a intimidade e a amizade, do casamento e da vida comunitária não podem ser criativas. Sem o recolhimento do coração, as nossas relações com os outros tornam-se facilmente pobres e ávidas, desagradáveis e importunas, dependentes e sentimentais, exploradoras e supérfluas, porque sem o recolhimento do coração não podemos experimentar os outros como diferentes de nós mesmos, mas apenas como pessoas que podem ser utilizadas para satisfazerem as nossas próprias, e tantas

vezes escondidas, carências.

O mistério do amor consiste em proteger e respeitar a solidão do outro, criando o espaço de liberdade onde o outro pode transformar o seu isolamento num recolhimento que pode ser partilhado. Neste recolhimento podemos fortalecer-nos uns aos outros através do respeito mútuo, de uma consideração solícita pela individualidade de cada um, de uma distância que responde às recíprocas intimidades e de uma compreensão reverente pelo carácter sagrado do coração humano. Neste recolhimento infunde-se, uns para o outro, a coragem de penetrar no silêncio do nosso eu mais íntimo e aí descobrir a voz que nos convoca para uma nova comunhão para além dos limites da proximidade humana. Neste recolhimento podemos ir suavemente apercebendo da presença daquele que abraça amigos e amantes e nos oferece a liberdade de nos amarmos uns aos outros, porque Ele nos amou primeiro (cf. João 4, 19).

Chão sagrado

Tudo isto pode soar como uma nova espécie de romantismo, mas as nossas experiências e observações; muito concretas ajudar-nos-ão a reconhecer o seu realismo. Devemos confessar que, muitas vezes, a experiência da nossa própria solidão é mais forte do que a do nosso recolhimento e que as nossas palavras sobre o recolhimento provêm do silêncio doloroso do isolamento. Mas existem momentos felizes, que afirmam as nossas esperanças e nos encorajam na busca do nosso próprio recolhimento, onde podemos experimentar uma unidade interior e viva com os nossos irmãos homens e com o nosso Deus.

Lembro-me vivamente do dia em que um homem, que fora estudante de um dos meus cursos, regressou à universidade e entrou na minha sala com esta frase demolidora: «Desta vez não tenho problemas nem nenhuma pergunta. Não preciso nem de conselhos nem de opiniões, pretendo apenas celebrar algum tempo consigo.» Sentámo-nos no chão, em frente um do outro, e conversámos por minutos sobre o que fora a nossa vida durante o último ano, sobre o trabalho, os nossos amigos comuns e sobre a inquietação dos nossos corações. Depois, lentamente, à medida que os minutos iam passando, ficámos

em silêncio. Não um silêncio embaraçoso, mas um silêncio que nos podia aproximar mais do que todos os acontecimentos pequenos e importantes do último ano. Ouvia-se o barulho dos carros a passar e de alguém a despejar o lixo ali próximo. Mas isso não fazia diferença. O silêncio que nos invadia era caloroso, suave e vibrante. De vez em quando olhávamos um para o outro com o esboço de um sorriso, afastando os últimos resquícios do medo e da desconfiança. Parecia que quanto mais o silêncio se adensava à nossa volta tanto mais nos compenetrávamos de uma presença que nos envolvia a ambos. Então ele disse: «E bom estar aqui». E eu retorqui: «Sim, é bom estarmos juntos de novo». E depois voltámos a ficar em silêncio durante um longo período. E quando uma profunda paz preencheu o espaço vazio entre nós, ele disse, com alguma hesitação: «Quando olho para si é como se estivesse na presença de Cristo». Não fiquei sobressaltado, surpreendido, nem senti necessidade de protestar, se consegui articular: «É o Cristo em ti que reconhece o Cristo em mim.» «Sim - disse ele - Ele está de facto no meio de nós». Então ele pronunciou as palavras que penetraram no meu coração como as palavras mais cicatriciais que ouvira desde há muito tempo: «Daqui em diante onde quer que você vá, ou onde quer que eu vá, todo o espaço entre nós será chão sagrado». E quando ele se foi embora eu sabia que ele me tinha revelado o verdadeiro significado de comunidade.

A comunidade como uma qualidade interior

Esta experiência evidencia o que dizia Rainer Maria Rilke: «*O amor consiste nisto, que dois recolhimentos se protejam e confinem e saúdem um ao outro*», e também o que dizia Anne Morrow Lindbergh: «*Sinto que somos todos como ilhas num mar comum*». Isso fez-me perceber que a proximidade dos amigos e dos amantes pode acontecer em momentos de recolhimento comum, que não tem limites de tempo e de lugar. Quantas vezes não sonhamos aproximarmo-nos dos amigos sem nos darmos contas de que os nossos sonhos procuram muito mais do que o que qualquer reunião concreta poderá jamais realizar? Mas podemos perceber lentamente que, estando em recolhimentos, abre-se a possibilidade de ampliar os nossos encontros humanos até abraçar mais e mais

peças. Podemos compreender que no recolhimento construímos a comunidade. Mesmo, aqueles com que permanecemos só por pouco tempo, ou apenas um momento, podem tornar-se membros da comunidade porque, no encontrar-se no amor, todo o terreno que nos separa torna-se espaço sagrado, e, mesmo quando partem permanecem no recolhimento hospitaleiro do nosso coração. A amizade é um dos dons mais preciosos da vida, mas a proximidade física tanto pode ser caminho como obstáculo à sua plena realização.

Muitas vezes na minha senti a estranha sensação de que estava mais próximo dos meus amigos na sua ausência do que na sua presença. Quando estavam longes, sentia um forte desejo de revê-los, mas não podia impedir de sentir uma certa desilusão quando esse encontro se realizava. A presença física, um do outro, impedia de realizarmos um encontro pleno. Percebíamos que que éramos um para o outro mais do que conseguíamos exprimir com a presença física. Era como se esta funcionasse como uma parede, atrás da qual, escondíamos o nosso eu mais íntimo. A distância física, criada por uma ausência temporária, ajudava-me a ver além, revelava-me a grandeza e beleza dos amigos, do amor que baseava a nossa amizade. (Cartas de um poeta, p. 59)

Kahlil Gibran escreveu:

Quando vos separardes do vosso amigo não vos entristeçais: porque aquilo que de melhor amais nele pode tornar-se mais claro na sua ausência, como uma montanha que quando é vista da planície aparece mais nítida. (O profeta, p. 50)

Viver com amigos é uma alegria excepcional, mas a nossa vida tornar-se-ia triste se isso constituísse a meta dos nossos esforços. Fazer parte de uma equipa harmoniosa que trabalhe em unidade de mente de coração é um presente dos céus, mas se a nossa alegria dependesse dessa situação seríamos pessoas tristes. É bom receber cartas dos amigos, mas deveríamos ser igualmente felizes sem elas. É bom receber visitas, são um dom tão precioso, mas sem não a recebêssemos, não deveríamos cair na tentação de ficarmos maldispostos. Os telefonemas dos amigos «só para dizer olá» enche-nos de gratidão, mas quando os consideramos imprescindíveis para tranquilizarmos o medo da solidão, nos tornaríamos vítimas fáceis dos nossos próprios queixumes.

Andamos constantemente à procura de uma comunidade que nos proporcione o sentido de pertença, mas é importante perceber que o facto de estarmos juntos em determinado local, numa casa, numa cidade ou num país é um facto secundário para os nossos legítimos anseios. A amizade e a comunidade são, em primeiro lugar, qualidades interiores que permitem à proximidade humana ser a expressão exultante de uma realidade muito mais vasta. Nunca poderão ser reivindicadas, planeadas ou organizadas, mas sendo qualidades interiores é sempre possível ter um espaço aberto no nosso coração e recebe-las como dons. Sendo qualidades interiores, deixa-nos a liberdade de vivermos «no mundo» e, mesmo estando encerrados no nosso quarto, ninguém será excluído do nosso recolhimento. Ainda mais, permite-nos de percorrer suavemente vastas distâncias, porque a distância que nos separa, torna-se chão sagrado. O recolhimento interior cria uma proximidade que vai além da presença física.

Desta forma, a solidão pode tornar-se recolhimento. Poderão passar-se dias, semanas, meses e anos, em que nos sentiremos esmagados pelo sentimento de isolamento, que mal conseguimos acreditar que seja ainda possível o recolhimento do coração. Mas se saborearmos, por uma vez, o recolhimento interior do coração, tornar-se-á possível uma vida nova que nos permitira de cortarmos os laços enganadores das nossas ilusões e aderir a Deus e ao próximo de forma nova e inteiramente surpreendente.

CAPÍTULO III

UMA RESPOSTA CRIATIVA

Um estilo de vida reacionário

O movimento da solidão para o recolhimento não é um movimento de gradual retirada, mas, um movimento que nos leva a um compromisso, cada vez mais profundo, para com os problemas do nosso tempo. É um movimento que torna possível uma lenta transformação interior, que nos leva, das reações medrosas e defensiva, para às respostas corajosas e amorosas.

A tentativa de fugir da solidão, à procura das mais variadas distrações e ocupações, torna-nos vítimas passivas de um mundo que requer a uma atenção idólatra e, cada vez mais, escravos dos acontecimentos do mundo, com rápidas mudanças de humor, de comportamentos inconstantes e, por vezes, da violência vingativa; uma sequência espasmódica de reações e de ações, muitas vezes destrutivas, que nos afastam do nosso ser mais íntimo; uma vida «reacionária», uma longa série de reações nervosas e ansiosas, que nos torna sempre ocupados e preocupados e, como resultado, cansadíssimos.

Deveríamos interrogar-nos sobre quanta parte das nossas leituras e palavras, das nossas visitas e conversas, das nossas intervenções, orais e escritas, não sejam mais frutos de reações nervosas e impulsivas, do que ações que brotam do nosso ser mais íntimo. Provavelmente nunca chegaremos ao momento da «ação pura», o que nem seria realístico, nem saudável, mas é importante sabermos distinguir quando as nossas ações são simplesmente reações e não respostas pessoais que brotam a partir do nosso coração, através de uma escuta atenta da realidade que vivemos. O movimento da solidão para o recolhimento, portanto, deveria conduzir-nos à uma conversão gradual das reações nervosas ou ansiosas para às respostas ponderadas e amorosas. As reações rápidas e impulsivas torna-nos prisioneiros de um mundo em contínua mutação, mas, no recolhimento do coração, teremos a capacidade de escutar com atenção e «formular» ou produzir uma resposta criativa, realmente pessoal. No recolhimento podemos observar com atenção o mundo e dar-lhe uma resposta honesta.

Vigilância no recolhimento

Há pouco tempo, um colega disse-me que tinha cancelado a sua assinatura do jornal porque as intermináveis crônicas de guerra, crime, jogos de poder e manipulação política, perturbavam o seu espírito e coração e lhe impediam de meditar e rezar.

É uma história triste, porque faz surgir a suspeita de que, só apagando o mundo e que podemos viver nele; e que a vida espiritual só seja possível quando nos rodeamos de uma quietude artificial, por nós mesmos induzida. Mas, a verdadeira vida espiritual não nos isola do mundo, muito pelo contrário, torna-nos mais conscientes dele e, tão vigilantes que, qualquer acontecimento, alegre ou triste, pode entrar e fazer parte da nossa oração e convida-nos a dar-lhe uma resposta livre e destemida.

É esta vigilância no recolhimento que muda a nossa vida. A diferença está toda na maneira de nos relacionarmos com a nossa própria história, através da qual o mundo nos fala.

Se penso nos últimos vinte anos da minha vida, vejo-me num lugar e numa situação que nunca teria imaginado quando, junto com vinte e oito companheiros, me prostrei no chão de uma catedral holandesa no dia da minha Ordenação. Mal tinha ouvido falar de Martin Luther King e dos problemas raciais, nem sequer conhecia os nomes de John F. Kennedy ou de Dag Hammarskjöld. Tinha visto o velho e gordo cardeal Roncalli durante uma peregrinação a Pádua e pensava que era um exemplo de decadência clerical. Tinha lido livros audaciosos sobre a intriga política no Kremlin e sentia-me contente por saber que era impossível que aquelas coisas voltassem a acontecer num mundo livre. Estava farto de ouvir falar dos campos de concentração judeus, mas percebia que pertenciam à geração passada e que eram incompatíveis com a nossa. Hoje, a pouco tempo de distância, tenho a mente e o coração repletos de recordações e de factos que fizeram de mim uma pessoa bastante diferente. Hoje, que estou a prever o fim da minha vida terrena, dou-me conta que tenho apenas esta vida para viver e que ela ocupa um período histórico particular, do qual não só faço parte, mas que também contribui a moldar.

Estando em recolhimento, a nossa história já não pode continuar a ser uma recolha casual de situações e acontecimentos sem sentido, mas sim um apelo constante a mudar mente e coração; podemos quebrar a cadeia fatalista de causa e efeito e escutar com os nossos sentidos interiores o significado mais profundo dos acontecimentos do dia a dia. O mundo deixa de ser diabólico, não separa as pessoas em prós e o contra, mas tudo torna-se simbólico, e nos pede de unificar os acontecimentos exteriores com os interiores.

Aí, o assassinio de um presidente, o sucesso de um voo lunar, a destruição de cidades por um bombardeamento cruel e a desintegração de um governo pela ânsia de poder, bem como as inúmeras desilusões e sofrimentos pessoais, não aparecem como circunstâncias inevitáveis da nossa existência, mas como apelos urgentes a responder-lhes, ou seja, a um compromisso pessoal.

Interrupções que formam a personalidade

«Durante uma visita à Universidade de Notre Dame, onde exerci funções de docente durante alguns anos, encontrei-me com um professor mais velho e experiente, que passara a maior parte da sua vida naquela escola. E, enquanto passeávamos por aquele campo tão bonito ele disse com uma certa melancolia de voz: «*Sabes, queixei-me a vida inteira de que o meu trabalho era constantemente interrompido, até que descobri que as minhas interrupções eram o meu trabalho*».

Não será que encaramos os incontáveis acontecimentos das nossas vidas como pequenas ou grandes interrupções que perturbam os nossos planos, projetos e esquemas? Não será que protestamos interiormente quando um estudante interrompe a nossa leitura, o nosso tempo e os nossos projetos? Não será que a morte de um amigo perturbe a nossa quietude mental? Não será que as mais diversas realidades da nossa existência, não perturbem os sonhos da nossa juventude? Não será que, a série interminável de interrupções, não produzam sentimentos de raiva, de frustração e mesmo de vingança? Não será que o envelhecer é para nós sinónimo de amargura?

E se, em vez, as interrupções fossem de facto oportunidades e desafios a darmos uma resposta criativa para o nosso crescimento completo? E se moldassem, de fato, a nossa história como o

escultor molda o barro, e que, só obedecendo assiduamente a essas mãos de oleiro, podemos descobrir a nossa verdadeira vocação e tornar-nos pessoas maduras? E se não fossem outra coisa, senão convites a abandonar estilos de vida antiquados e obsoletos para novas aberturas e novos horizontes inexplorados? E por fim, se não fossem apenas como uma sequência cega e impessoal de acontecimentos que não podemos controlar, mas pelo contrário, fossem sinais que apontam para um encontro pessoal, conosco, com os outros e com Deus, onde todas as nossas esperanças e aspirações atingem a sua plenitude?

Neste caso, a nossa vida seria diferente, porque o que consideramos como destino, tornar-se-ia, de fato, uma oportunidade, as feridas um aviso e a paralisia um convite a procurar fontes de vida mais profundas. Neste caso, poderíamos encontrar a esperança nas cidades que choram, nos hospitais aflitivos, nos pais e nos filhos desesperados. Então poderíamos vencer a tentação do desânimo e, em vez disso, falarmos da esperança, da árvore que dá frutos, enquanto observamos a morte da semente. Então, sim, poderíamos quebrar a prisão da nossa história, como se fosse uma série anônimas de acontecimentos, para escutar nela atentamente a voz do Deus da história, que nos fala no centro do nosso recolhimento e responder ao Seu constante apelo, sempre renovado, com uma nova conversão.

Um coração arrependido

É trágico constatar como o sentimento religioso ocidental se tornou tão individualista, que um conceito tão nobre como «coração arrependido» passou a referir-se apenas a experiências pessoais. A consciência da impureza dos nossos pensamentos, palavras e atos, podem de facto, produzir arrependimento e criar a esperança do perdão. Mas se os eventos catastróficos do nosso tempo, as guerras, os assassinios em massa, a violência desmedida, as prisões completamente cheias, as câmaras de tortura, a fome e doença de milhões de pessoas e a inaudita miséria de uma grande parte da humanidade forem mantidas a uma distância segura do recolhimento do nosso coração, o nosso arrependimento não passará de uma emoção piedosa.

O jornal deste dia em que escrevo mostra uma fotografia de três soldados portugueses, dois dos quais estão mantém de braços de um preso nu, enquanto o terceiro lhe corta a cabeça. Esse mesmo jornal relata que um polícia de Dallas matou um rapaz de doze anos, algemado, enquanto o interrogava dentro de um carro-patrulha, e que um Jumbo 747 japonês, com 122 passageiros, foi assaltado e desviado para destino desconhecido. Revela ainda que a força aérea dos Estados Unidos bombardeou o Camboja com bombas no montante de 145 milhões de dólares, durante um período em que o Presidente norte-americano declarou publicamente estar a respeitar integralmente a neutralidade daquele país. Fornece ainda uma descrição arrepiante das técnicas de tortura eléctrica usadas na Grécia e na Turquia. Todas estas «notícias» ocupam um espaço secundário, enquanto ressaltam títulos de caracteres cubitais que falam de assaltos, de deformação, de mentira, do uso de sumas avultadas de dinheiro pelos funcionários governativos, como se fossem as maiores tragédias na história do país. E o jornal de hoje não é diferente do de ontem nem divergirá muito do de amanhã.

Tudo isto não deveria despedaçar o nosso coração e deitar-nos de cabeça baixa numa angústia infinita? Não deveria isto levar todos os homens de fé a viver uma vida digna, em comunidade? A uma contrição comum e a uma penitência pública? No deveria, por fim, conduzir-nos a confessar que somos seres humanos pecadores que precisam de redenção e de perdão. Não deveria tudo isto ser suficiente para nos forçar a quebrar as nossas carapaças individuais e piedosas e estender os nossos braços com as palavras:

Do fundo do abismo clamo a ti, ó Senhor:

Senhor, ouve a minha prece!

Estejam teus ouvidos atentos à voz da minha suplica!

Se tiveres em conta os nossos pecados,

Senhor, quem poderá salvar-se?

Mas em ti encontramos o perdão;

Por isso te fazer respeitar.

Eu espero no Senhor, sim, espero!

A minha alma conta na sua palavra.

A minha alma volta-se para o Senhor,
mais do que a sentinela para a aurora.

Mais do que a sentinela espera pela atirara,
Israel espera pelo Senhor;
porque nele há misericórdia
e com Ele é abundante a redenção.
Ele há-de livrar Israel
de todos os seus pecados. (*Salmo 130*)

O peso da realidade

Seremos nós capazes de suportar o peso da realidade? Como é que poderemos manter-nos abertos a todas as tragédias humanas, conhecer o vasto oceano do sofrimento, sem ficarmos paralisados e abatidos? Como é possível viver uma vida saudável e criativa recordando continuamente o facto de que existem milhões de pobres, doentes, famintos e perseguidos? Como é podemos ainda sorrir perante o quadro nefasto de torturas e execuções capitais?

Não conheço uma resposta a estas perguntas. Existem, porém, pessoas que permitiram que as dores do mundo penetrassem de tal forma no fundo do seu coração que abraçaram como vocação a tarefa de nos lembrar constantemente, e muitas vezes contra a nossa própria vontade, os males do mundo. Há também alguns Santos que participaram de tal forma na condição humana que se identificaram com a miséria dos seus irmãos, tanto que recusaram uma felicidade pessoal até que existissem no mundo pessoas que sofrem. Mesmo que eles nos irritem, e embora gostaríamos de os calar, aplicando-lhes o rótulo de masoquistas ou profetas da má sorte, eles são, no entanto, indispensáveis para nos lembrar que nunca haverá uma cura completa sem a solidariedade do coração. Esses poucos «extremistas» ou «fanáticos» nos obrigam a questionarmo-nos sobre os jogos que jogamos com nós mesmos e quantas paredes continuamos a erguer para nos impedir de conhecer e sentir o peso da solidariedade humana.

Pode ser que, por enquanto, tenhamos de aceitar as numerosas oscilações entre saber e não saber, entre ver e não ver, entre sentir e não sentir, entre dias em que o mundo nos parece um jardim de rosas e outros dias em que o coração parece esmagado sob uma pedra do moinho, entre momentos de alegria extática e outros momentos de obscuro desânimo, entre a humilde confissão de que a notícia dos jornais superam a nossa capacidade de suportação e a consciência de que só enfrentando a realidade do mundo

poderemos desenvolver o sentido da nossa responsabilidade. Pode ser que devemos ser tolerantes se fugimos ou negamos a realidade, convictos de que não somos obrigados a enfrentar o que não estamos preparados a responder, na esperança que um dia teremos a capacidade de abrir os olhos e ter a força de encarar a realidade sem ficarmos esmagados. Tudo isso pode ser, a condição de recordarmo-nos que na negação e na fuga não existe esperança de salvação nem para nós próprios, nem para os outros, e que, a vida nova só pode brotar duma semente plantada num terreno e inteiramente despedaçada. Na verdade Deus, Nosso Senhor, «não despreza um coração despedaçado e humilhado» (Sl 51, 17)

Mas, o que é que nos impede esta abertura ao mundo? Não poderia ser que, incapazes de aceitar a nossa impotência, só queremos ver as feridas que conseguimos curar? Não poderia ser que, não querendo renunciar à ilusão de que somos os senhores do mundo, criamos em nós a falsa percepção que nos leva a acreditar que cada acontecimento da existência está seguramente sob controle. É difícil permitir que essas perguntas ultrapassem o nível da retórica para sentirmos nas profundezas do nosso ser quanto o conhecimento da nossa impotência nos faça mal.

O protesto que brota do recolhimento

A vida, porém, pode ensinar-nos que os fatos do dia, mesmo que superem a nossa capacidade de suportação, não devem ficar fora do nosso coração; em vez de ficarmos amargurados, a nossa vida pode aceitar o princípio segundo o qual só a partir do interior do coração pode brotar uma resposta criativa. Se a resposta ficar suspensa entre o cérebro e as mãos, será sempre uma resposta superficial. Se o protesto contra a guerra, a segregação racial, a injustiça social não ultrapassar o nível da reação, a nossa indignação terá um valor puramente pessoal, a esperança de um mundo melhor degenerará no desejo de obter resultados imediatos e a nossa generosidade esgotar-se-á nas amarguras. Só quando o pensamento toca o interior do coração, poderemos esperar uma resposta duradoira, que brota do nosso íntimo «eu».

Muitos daqueles que se prodigaram para os direitos civis e que operaram nos movimentos para a paz nos anos sessenta, saíram cansado e muitas vezes cínicos. A descoberta de que a solução não

dependia deles, que muito pouco se podia fazer e que não conseguiam obter resultados visíveis, lhe tiraram as energias, fazendo-os fechar-se sobre o seu eu ferido, fugindo num mundo de sonhos e de fantasias e juntar-se, ressentidos, ao lado da multidão contro a qual tinham protestado.

Não surpreende, portanto, descobrir que muitos dos velhos ativistas agora estejam a lutar contra as suas próprias frustrações, recorrendo à psicoterapia, ou as negam recorrendo à droga, ou também, encontrando algum alívio nos novos cultos. A crítica que se pode fazer aos anos sessenta não é que a protesta não tinha sentido, mas que não era bastante profunda, no sentido de que não estava enraizada na solidão do coração. Até quando somente a mente e as mãos trabalharem para preservar, dependeremos sempre dos resultados imediatos das nossas ações e bem depressa desistiremos se os resultados não se concretizarem. Na solidão do coração, em vez, podemos prestar atenção às tristezas do mundo, porque não nos apareçam estranhos ou desconhecidos de nós mesmos. Lá, na profundidade do coração aperceber-nos-emos que o que aparece como universal é mais pessoal e que, na realidade, nada que seja humano nos é alheio. Lá perceberemos que a cruel realidade da história é, de verdade, a realidade do todo o coração humano, incluindo o nosso, e que o protesto requer, acima de tudo, uma confissão da nossa participação à comum condição humana. E, a partir do interior, podemos dar a nossa resposta.

Proclamar que, como indivíduos, somos responsáveis de toda a dor humana nos poderia paralisar, mas dizer que somos simplesmente chamados a responder-lhe é uma mensagem libertadora. Porque, a partir de uma solidariedade íntima com os nossos irmãos e irmãs nasce à primeira tentativa de aliviar as suas dores.

A compaixão

É esta solidariedade interior que impede de sentir-se virtuosos, exclui a auto justificação e torna a compaixão possível. Thomas Merton, o monge, expressa muito bem esta ideia ao escrever:

Desde que Deus te chamou ao recolhimento, tudo o que tocas te conduz cada vez mais ao recolhimento. Tudo o que te tocas faz de ti um eremita, desde que não insistas em fazer o trabalho sozinho e construir o teu próprio eremitério. O que é

o meu novo deserto? O seu nome é compaixão. Não existe vastidão tão terrível, tão bela, tão árida e tão fértil como a imensidade da compaixão. É o único deserto que se cobrirá de lírios. Tornar-se-á numa lagoa, germinará, desabrochará e rejubilará de alegria. É no deserto da compaixão que a terra sequiosa se transforma numa nascente de água, que o pobre tudo possui (Tomas Merton, O sinal de Jonas, p. 323).

O paradoxo da vida de Merton consiste no facto de que, o seu afastamento do mundo levou-o a um contacto mais íntimo com o mundo. Quanto mais ele conseguia converter a sua solidão inquieta em sereno recolhimento do coração, tanto mais era capaz de descobrir os sofrimentos do mundo no seu centro interior e dar-lhes resposta. A sua solidariedade compassiva com o sofrimento humano, transformou-o em porta-voz de muitos que, embora desprovidos do seu talento para escrever, partilhavam o seu recolhimento. Quanto Merton fosse consciente, no seu recolhimento, das suas responsabilidades aparece claro quando ele escreve:

Que eu deveria ter nascido em 1915, contemporâneo de Auschwitz, de Hiroshima, do Vietnam e dos tumultos de Watts, são fatos sobre os quais não fui previamente consultado. Todavia, são acontecimentos nos quais, quer eu goste ou não, estou profundamente e pessoalmente envolvido.

E não sem um toque de ironia, Merton acrescenta:

Tornou-se obvio para todos, transparente, que uma «rejeição do mundo» ou o «menosprezo pelo mundo» puramente automática, não é uma escolha, mas sim a fuga perante uma escolha. A pessoa que julga poder virar as costas a Auschwitz ou ao Vietnam, e agir como se não tivessem existido, está apenas a lançar poeira nos seus próprios olhos. Acho que isto está a ser admitido de forma geral, também pelos monges (Contemplação e ação, p. 161)

A compaixão que nasce do recolhimento torna-nos muito conscientes da nossa historicidade. Não somos chamados a responder a considerações gerais, mas aos factos concretos com os quais somos diariamente confrontados. Uma pessoa compassiva não pode olhar mais para estas manifestações do mal e da morte como interrupções perturbantes do seu plano de vida, mas sim

confrontá-las como uma oportunidade para a sua própria conversão e pela conversão dos homens, seus irmãos. No decurso da história, sempre que homens e mulheres foram capazes de responder aos acontecimentos do mundo como uma oportunidade de modificarem os seus corações, abriu-se uma fonte inexaurível de generosidade e de vida nova, abrindo os horizontes da esperança muito para além de quanto os homens possam imaginar.

Solidariedade na dor

Quando pensamos nas pessoas que nos deram esperança e força na nossa vida, talvez descobrimos que não eram de forma nenhuma profissionais do aconselhamento ou dos princípios morais, mas simplesmente pessoas capazes de exprimir com palavras e ações a condição humana e nos encorajaram a enfrentarmos os fatos reais da nossa existência. Foram os que não fugiram das nossas dores, mas os tocaram com compaixão. Da solidariedade misericordiosa brota a cura.

Na nossa sociedade orientada para as soluções é mais importante do que nunca perceber que pretender aliviar a dor sem a partilhar é como pretender salvar uma criança de uma casa em chamas sem correr o risco de se queimar. Esta solidariedade misericordiosa forma-se no recolhimento. O movimento da solidão para o recolhimento não é uma retirada, um afastamento crescente, mas, pelo contrário, um movimento que leva um compromisso para com os problemas do nosso tempo. É o movimento que nos permite encarar as interrupções como ocasiões para convertermos o nosso coração. As nossas responsabilidades poderiam tornar-se fardos pesados, mas no recolhimento se transformam numa vocação. De fato, só criando um espaço interior no nosso coração torna-se possível a verdadeira solidariedade humana, uma solidariedade compassiva para com todos os homens, nossos irmãos.

O movimento da solidão para o recolhimento é o movimento em que nos aproximamos do nosso eu mais íntimo para encontrar lá os nossos imensos poderes curativos, não como propriedade privada a defender, mas como dom a partilhar para com os outros. E assim, o movimento da solidão ao recolhimento conduz espontaneamente ao movimento da hostilidade à hospitalidade. Este segundo movimento da vida espiritual pode nos encorajar a aproximarmo-

nos de forma criativa para com todos os que cruzam o nosso caminho.